

Tesouros linguísticos nas histórias e conversas: As contribuições de Boas na documentação e descrição de línguas e culturas

Karolin Obert

Pós-doutoranda em Linguística/Universidade Lund

<https://orcid.org/0000-0003-4612-0158>

karolin.obert@ling.lu.se

Patience Epps

Professora do Departamento de Linguística/Universidade do Texas em Austin

<https://orcid.org/0000-0002-7429-7885>

pattieepps@austin.utexas.edu

Sobre textos e sobre quem coleta os textos¹

Um pouco mais de cem anos depois da publicação da introdução ao *Handbook of American Indigenous Languages* pelo antropólogo Franz Boas (1911), muitos dos seus princípios estão sendo retomados no contexto da documentação e descrição de línguas hoje em dia. Um dos motivos principais para a retomada das perspectivas boasianas hoje em dia relaciona-se claramente ao cenário atual no qual muitas línguas e culturas se encontram ameaçadas (Woodbury 2011: 170). Nisso, linguistas e antropólogos têm se preocupado mais com as prioridades das comunidades tentando entender, descrever e documentar as línguas nas próprias palavras dos seus falantes dentro de um contexto mais amplo.

Nesse movimento, muitos pontos do programa boasiano vêm contribuindo para a melhoria das práticas na documentação linguística como, por exemplo, a criação de coleções de textos e seu uso para explorar a língua e cultura de um grupo, o treinamento de falantes

1 Queremos agradecer nossos amigos e colaboradores indígenas dos povos Dâw, Hup e Nadëb que durante muito tempo vêm nos acolhendo e trabalhando conosco. Também queremos reconhecer o apoio institucional da Universidade de Texas em Austin e das organizações FUNAI, FOIRN e ISA. Essas pesquisas foram apoiadas pela CAPES, Firebird Foundation, Museu do Índio (RJ), UNESCO e National Science Foundation.

das línguas e seu envolvimento em atividades de documentação e criação de registros, o entendimento da língua como uma fonte de acesso aos conceitos culturais fundamentais, e o engajamento do linguista com sistemas culturais de significados (cf. Himmelmann 1989; Dobrin 2008; Woodbury 2011; Epps et al. 2017). Ou seja, o que permeia essas ideias de Boas é a integração de abordagens etnográficas e linguísticas com o objetivo de descrever uma língua em seus próprios termos no âmbito do contexto cultural mais amplo possível e vice-versa.² É através disso que se pode descobrir estruturas e categorias gramaticais, lexicais e culturais que permaneceriam obscuras para o pesquisador caso não permitisse o surgimento dos pontos de vistas indígenas.

Para isso, dois elementos da agenda de Boas parecem-nos especialmente importantes: a coleção de textos e o papel do próprio pesquisador *que* coleta esses textos. Para Boas, a priorização do texto vai além do propósito de ter um conjunto de dados linguísticos, sendo o texto tomado como uma janela para entender *como e por quê* os falantes usam certas estruturas linguísticas na vida cotidiana e como essas se relacionam com as estruturas culturais, sociais e ideológicas (Epps et al. 2017: 61). Sendo assim, é nos textos que perspectivas indígenas podem emergir permitindo que a língua conte sua própria história. Isso faz com o que os falantes de uma determinada língua possam falar por eles mesmos criando um registro de fala espontânea em situações naturais (Mithun 2001: 53). O benefício para o linguista que trabalha com os textos é poder vislumbrar os mecanismos pelos quais um povo entende e descreve seu mundo através dos recursos evidentes no discurso (ibid.: 61). Já para as comunidades que participam em projetos de documentação informados pela língua e pela cultura, o registro de eventos discursivos pode promover a manutenção e salvaguarda de gêneros textuais em contextos de mudanças linguísticas drásticas (cf. Hill 2006; Woodbury 2011).

Já em relação ao pesquisador, Boas enfatiza o seu papel central na coleta de textos. Um consenso metodológico entre Boas e estudiosos contemporâneos é que a documentação deve se basear no princípio da observação participante (Epps et al. 2017; Dobrin 2008, 2014). Ao contrário de visões que concebem o linguista como alguém que está trabalhando apenas com a língua ou de que um antropólogo não precisa se preocupar com a língua, Boas e seus sucessores defendem a importância de um trabalho holístico. Além disso, o próprio Boas (1911: 60) enfatiza que um domínio da língua seria essencial para poder obter um conhecimento preciso, porque a maioria das informações podem ser obtidas simplesmente ao participar em conversas e nas vidas cotidianas dos membros das

2 Boas ressalta que “[...] parece que tanto do ponto de vista prático quanto teórico, o estudo da língua deve ser considerado um dos mais importantes ramos do estudo etnológico [...]” (Boas 1911: 73, tradução de Ramos & Ramos, neste volume).

comunidades. Afinal, é através dessa integração que gêneros e textos podem emergir, e que os membros das comunidades têm como guiar o que está sendo registrado.

Queremos, nesse breve trabalho, enfatizar alguns dos benefícios do plano de Boas para a documentação e descrição linguística e etnográfica, tendo como base dois estudos de caso e a nossa experiência de campo com os povos Dâw e Hupd'äh (família linguística Naduhup) ilustrando como se dá: i) a escolha de registros pelos próprios membros das comunidades; e ii) o método de observação participante que nos apresentou categorias gramaticais e lexicais inesperadas, alimentando a descrição linguística e etnográfica desses dois povos. Mostraremos como a mobilidade, um traço central da cultura dâw, pode ser codificado no inventário dos verbos de movimento, o que se revelou em narrativas contadas ao longo de caminhadas com esse grupo. Já no caso dos Hupd'äh, relataremos como um conjunto de morfemas, indicando a conectividade social, surgiu através da participação ativa nas conversas cotidianas durante o trabalho de campo.

No que segue, introduzimos brevemente os povos Dâw e Hupd'äh e sua família linguística. Em seguida, apresentaremos os estudos de caso com as etnias Dâw e Hupd'äh. Finalmente, refletimos sobre os dados apresentados à luz do programa boasiano.

Dâw, Hup e a família linguística Naduhup

As línguas dos povos Dâw e Hupd'äh formam a pequena família linguística Naduhup junto com suas línguas irmãs Yuhupdêh e Nadëb, e são faladas na região do médio e alto rio Negro no noroeste amazônico do Brasil. Antigamente, esses povos eram referidos por meio do termo pejorativo “Makú”, de origem arawak, que significa “aquele sem fala” (cf. Epps & Bolaños 2017). Tradicionalmente, esses povos ocuparam as regiões entre os rios mais importantes e se mantiveram exclusivamente da caça e coleta de frutos da floresta. Apesar da documentação histórica bastante escassa, a ocupação dos povos Naduhup da região do médio e alto rio Negro é entendida como sendo anterior à chegada dos povos Tukano-orientais e Arawak (Nimuendajú 1950).

Dos quatro povos, os Hupd'äh formam o maior grupo, contando com aproximadamente 2500 falantes (FOIRN 2019: 87) que ocupam as áreas entre os rios Tiquié, Vaupés e Papuri, com algumas comunidades na Colômbia (ver Figura 1).

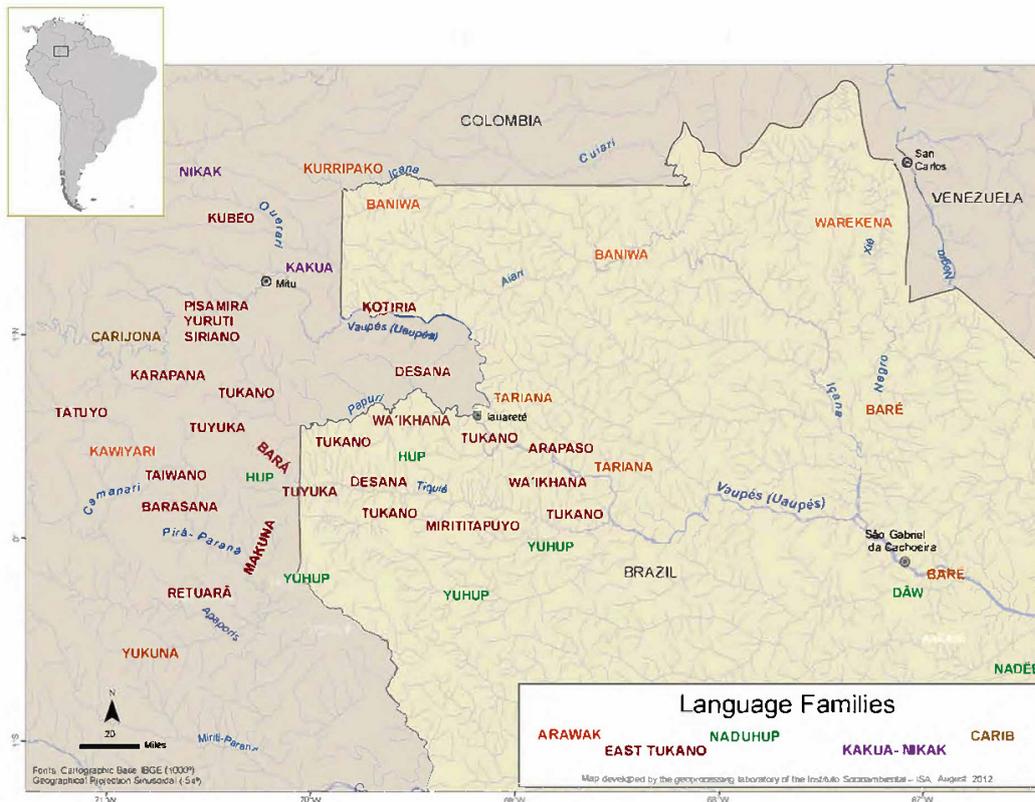


Figura 1: Distribuição contemporânea dos povos Naduhup na região do Médio e Alto rio Negro.
Fonte: Epps & Stenzel (2013: 11).

Com apenas 132 falantes (Roberto Carlos Fernandes Dâw, comunicação pessoal), os Dâw formam o menor grupo da família linguística. Hoje em dia, os falantes da língua Dâw habitam uma única comunidade, Waruá, localizada na margem direita do rio Negro em frente à cidade de São Gabriel da Cachoeira. O território tradicional desse povo estendia-se pela região entre os rios Japurá e Negro, de acordo com os relatos dos anciões e anotações de alguns poucos viajantes europeus (Natterer 1831; Koch-Grünberg 1906). Nesse território tradicional, os Dâw mantiveram contato com os Nadëb que hoje ainda habitam essa região em torno do rio Japurá e da cabeceira do rio Uneiuxi, e contam hoje em dia com aproximadamente 700 falantes (Pissolati, comunicação pessoal). Os cerca 1000 falantes da língua Yuhup ocupam a região do rio Tiquié e a bacia do rio Apaporis na Colômbia (Silva e Silva 2012). Note-se que a população étnica dos povos Naduhup corresponde aos números dos falantes, com algumas poucas exceções em algumas comunidades Nadëb. Isso resulta do fato de que as línguas estão sendo ativamente passadas para as crianças. Mesmo assim, deve-se considerar essas línguas como ameaçadas uma vez que todas

as comunidades estão atualmente passando por rápidas e intensas mudanças sociais, culturais e linguísticas.

Em relação à afiliação linguística, a partir da análise de inovações fonológicas, morfológicas e léxicas compartilhadas, Epps e Bolaños (2017) mostram que Hup, Yuhup e Dâw parecem formar um subgrupo. Sendo faladas em uma região multilíngue, todas as línguas Naduhup mantiveram contato com seus vizinhos ribeirinhos, o que deixou seus rastros nas gramáticas e palavras dessas línguas. Em Hup e Yuhup pode-se observar alguns poucos empréstimos e mudanças gramaticais em maior escala vindo das línguas Tukano-orientais (Epps 2009). Já em Nadëb podemos observar uma influência significativa de palavras e estruturas gramaticais dos seus vizinhos arawak (hoje dizimados) com os quais eles compartilharam uma área no passado (Epps & Obert, no prelo). Já a língua Dâw mostra influências de línguas Tukano-orientais e Arawak provavelmente por causa da sua migração do médio para o alto rio Negro onde eles tiveram contato com esses conjuntos de povos em momentos distintos da sua história.

Em relação à situação da documentação linguística dessas línguas podemos relatar que isso vem sendo um esforço nas últimas duas décadas. No caso dos Hupd'äh, os materiais principais são um dicionário (Ramirez 2006), uma gramática (Epps 2008) e uma coleção de textos, áudio e vídeo (Epps 2001+) que são resultados de uma série de projetos de documentação colaborativa com as comunidades e colegas antropólogos.

Trabalhos de documentação e descrição da língua e cultura com o povo Dâw resultaram também em uma gramática (Martins 2004), e uma descrição da gramática do espaço (Obert 2019) e, também, em uma coleção de textos em áudio e vídeo (Epps, Obert & Storto 2013+). Essa documentação foi completada por uma série de projetos interdisciplinares de documentação da língua e cultura dos Dâw, Hupd'äh e dos demais povos Naduhup (Obert & Santos, no prelo).

Mobilidade na gramática dâw

Mobilidade dâw

Mobilidade e migração são assuntos centrais na maioria das narrativas dâw. Mudanças de lugares por causa do caráter predatório de diversos agentes se iniciam no evento de surgimento do povo e se estendem até o envolvimento no sistema de aviamento onde costumavam fugir dos padrões. Ao mesmo tempo, a mobilidade também é profundamente vinculada a práticas de subsistência e do bem-estar e bem-viver (Monteiro & McCallum 2013).

Como relatam os anciões dâw, nos tempos antigos os Dâw viviam em grupos pequenos que iam se mudando de lugar em lugar atrás de caça e coleta de frutos para se manter. Alguns topônimos que surgem nessas narrativas fazem com que seja possível localizar esses lugares na região do interflúvio dos rios Tea e Marié, que ainda hoje é o território do povo Nadëb. Foi ali que os Dâw contaram das predações das onças, curupiras e outros povos indígenas, o que os forçou a migrar em direção noroeste rumo aos rios Marié, Já e Curicuriari. Durante essa migração os Dâw relatam encontros com grupos tukano no rio Curicuriari e, mais tarde, provavelmente a partir do século XX, contatos com outros agentes indígenas e não indígenas na extração de piaçava. O último momento dessa migração aconteceu quando os Dâw se aglomeraram na atual comunidade de Waruá.

Apesar de hoje habitarem uma única comunidade, a mobilidade permanece um elemento central da cultura dâw. Entre os homens dâw ainda é muito comum formarem-se grupos menores, ou “turmas”, para viagens de pesca, caça e extração de matérias-primas. Nessas ocasiões, os Dâw seguem os caminhos antigos dos seus antepassados para chegar às roças, locais de manejo, sítios e aos locais que são moradas de outros seres. Durante essas viagens, que podem durar até várias semanas, essas turmas de homens dâw são acompanhadas por familiares como esposas e crianças. Nas paragens, os viajantes montam acampamentos temporários ao longo dos igarapés no interior da mata, ou nas beiras dos rios. A escolha dos lugares desses acampamentos segue tradicionalmente os sítios e locais de habitação dos seus antepassados. Os Dâw relatam essas viagens como momentos de lazer, contando e lembrando as histórias e seus locais enquanto passam por eles. É também nessas redes de caminhos que os Dâw acessam seu amplo conhecimento da flora e fauna e onde eles extraem as matérias-primas para o preparo de remédios de cura, a preparação de objetos utilitários como cestos, bancos, canoas e materiais para a construção de casas, entre outros.

Documentação da mobilidade

Desde o início do nosso trabalho de documentação da língua e cultura dâw, e com o registro das primeiras histórias, observamos que o tema da mobilidade muitas vezes é o fio condutor que perpassa os diversos gêneros textuais. Começa-se por histórias pessoais que relatam como os narradores “perambularam” na mata de lugar para lugar por motivos diversos até chegar à narração do surgimento do povo Dâw e às descrições da vida antiga. Todas sempre indicaram mudanças de lugares, topônimos e incontáveis descrições de lugares e ricas menções das coisas que os Dâw faziam enquanto andavam: “*a gente andava parindo nossos bebês*”, “*a gente andava carregando crianças*” ou “*a gente andava com fome debaixo da chuva*”.

Depois de alguns anos visitando a comunidade dâw, começaram a surgir pequenas viagens no território dâw que nós acompanhamos. Começando por idas pelas roças e locais de manejo mais próximas da comunidade, estendemos as viagens propostas pelos próprios Dâw. Iniciamos aos poucos os registros dos caminhos e das histórias sobre esses caminhos, o que finalmente resultou em dois projetos de documentação de língua e cultura que tinham como objetivo documentar o modo de fazer caminhos.³ Nesses, os Dâw escolheram percorrer e registrar a região em torno do rio Curicuriari, entendida por eles como terra ancestral de alguns anciões ainda vivos. Dentre os motivos de querer participar em um projeto de documentação sobre o território, os Dâw destacam a perda do conhecimento e das histórias desses lugares e a dificuldade na transmissão para as gerações mais jovens no contexto de habitar uma única comunidade atualmente. De fato, podíamos observar que essa drástica mudança espacial, no caso dos Dâw, parecia ter causado desafios para a memória coletiva, para suas conexões com os lugares sagrados e para a restituição e demarcação dos seus territórios tradicionais. Tentamos, então, junto com os pesquisadores indígenas fazer um registro da mobilidade dâw incluindo registros audiovisuais e georreferenciados do território e dos caminhos. Foram gravadas narrativas de vários gêneros parcialmente nos locais onde essas aconteceram.

Paisagem e verbos de movimento

A investigação do conceito da mobilidade através desses registros linguísticos escolhidos pelos próprios dâw se mostrou como uma via para entender como a mobilidade pode ser expressa pela própria comunidade (O'Meara et al. 2020). Uma categoria linguística central nesse processo são os verbos de movimento por refletirem a mobilidade nos léxicos e gramáticas indígenas (Burenhult & Purves 2020). Durante a documentação dos caminhos descrita acima, registramos vários verbos de movimento *in situ* que possibilitam uma análise de padrões semânticos com base na ecologia local dâw. Isto é, o rico inventário dos verbos de movimento em dâw espelha características culturais e ambientais que motivam assim as suas distinções semânticas.

Antes de apresentar os traços semânticos contidos nos verbos de movimento dâw, vale a pena dar um passo atrás e relembrar brevemente o que sabemos sobre os componentes semânticos dos verbos de movimento de um ponto de vista trans-linguístico. Talmy

3 Esses projetos foram: Projeto de documentação de tradição oral (Firebird Foundation, EUA) "*Memory and landscape – recovering the ancient territory of the Dâw people (Naduhup, Brazilian Amazon) through the documentation of oral discourse*", pesquisadores membros: Karolin Obert e Nian Pissolati; e Projeto Salva-guarda Museu do Índio (RJ), FUNAI e UNESCO "*Caminhos dos Hupd'âh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: arte verbal e imagem, tecendo floresta e mundos*", pesquisadores membros: Bruno Ribeiro Marques, Karolin Obert e Nian Pissolati.

(1985, 2000), na sua tipologia de padrões de lexicalização, explora quatro componentes principais de eventos de movimento: movimento, maneira⁴, trajetória e fundo. Segundo Talmy (2000), existem línguas com ‘marco verbal’ que são línguas que combinam as noções de movimento e trajetória na raiz do verbo – como no verbo *descer* (ex. se movimentar [em direção abaixo]) – e a noção de maneira em uma estrutura sintaticamente subordinada (ex. ele desceu o barranco *rolando*). Ao contrário, há línguas que expressam a noção de maneira na raiz verbal, ex. *rolar*, e a trajetória de uma maneira subordinada (ex. ele rolou *para baixo*). As formas como línguas codificam esses eventos de movimento podem variar formando assim estilos narrativos específicos (Slobin 2004). Isso corresponde à ideia mais geral de que o que é culturalmente importante e pragmaticamente mais saliente para um grupo cria padrões que são mais frequentes no discurso e assim têm mais propensão a serem lexicalizados (Evans 2003; Evans & Levinson 2009).

Tendo isso em mente, veremos que em verbos de movimento *dâw*, um traço frequentemente codificado na raiz verbal é a noção do fundo, como no verbo *dôob* ‘descer para o porto’⁵. Segundo Talmy (2000: 60-62), isso é pouco esperado nas diferentes línguas do mundo, uma vez que isso requereria um inventário de verbos de movimento imenso para poder expressar os fundos possíveis. No entanto, isso é bastante comum na língua *dâw*. Não é surpreendente, pensando que fazer referência aos fundos enquanto estar em movimento aparenta ser um traço cultural e pragmático. Sendo assim, verbos de movimento em *dâw* mostram uma tendência de lexicalizar os componentes – movimento, trajetória e fundo – em uma única raiz verbal, como ilustrado na Figura 2.

4 A noção de “maneira” de um evento de movimento descreve a forma como um evento de movimento pode ser realizada. Por exemplo, uma pessoa pode descer uma ladeira (de maneira) *correndo*.

5 Os dados da língua *Dâw* são transcritos na ortografia prática usada na comunidade.

Verbo	Movimento	Trajectoria	Fundo
<i>saak</i>	mover	para cima	suporte (ex. arvore, montanha)
<i>pee</i>		para cima	rio
<i>soop</i>		para cima	de um rio
<i>xu</i>		para baixo	suporte (ex. arvore) para terra; caminho seguindo a direção da correnteza
<i>dôob</i>		para baixo	para um rio; em um rio (rio abaixo)
<i>bâas</i>		através	rio
<i>yoot</i>		ao longo de	rastro de animal
<i>waan</i>		ao longo de	rastro de pessoa
<i>yâa</i>		para dentro	espaço fechado (ex. casa)
<i>nôox</i>		para dentro	espaço semifechado (ex. canoa)
<i>sôç</i>		para fora	clareira
<i>rôd</i>		para fora	espaço fechado (ex. casa)
<i>sâk</i>		em direção á	ponto de origem

Figura 2: Verbos de movimento que codificam movimento, trajetória e fundo.

Fonte: elaboração própria.

Primeiramente, é importante mencionar que nenhum desses verbos têm uma semântica composicional que poderia revelar seus componentes. Ou seja, acessar essas sutilezas semânticas requer observar o uso desses verbos de movimento *in situ*. Podemos ver várias oposições relacionadas aos fundos. A oposição mais saliente se mostra entre rio/água e terra/floresta, que reflete os traços mais centrais da topografia da região amazônica. Portanto, não é surpreendente que esses são elementos que podem distinguir um verbo de movimento do outro. Para dar um exemplo, comparando os contextos de usos dos verbos *saak* 'subir (uma montanha, árvore etc.)', *soop* 'subir (do porto para cima)' e *pee* 'subir o rio', podemos ver que eles expressam um movimento para cima, mas partindo de fundos distintos sendo o primeiro um elemento/suporte na terra (ex. uma árvore), o outro sendo a beira do rio e o último sendo o rio em si. Esses traços semânticos são importantes para práticas de navegação e orientação durante as caminhadas. Outros tipos de fundo opõem seguir rastros de pessoas ou animais ou as entradas e saídas de espaços de diferentes tipos. Esses tipos de fundo codificados nas raízes dos verbos não só ajudam em momentos de orientação no espaço, mas também aparentam ajudar a direcionar a atenção do interlocutor a um determinado lugar (=fundo) na paisagem onde um evento de movimento acontece através de um único verbo. Movimentos para dentro e fora de espaços de graus de abertura diferentes também formam um conjunto de fundos distintos codificados na raiz do verbo de movimento. Esses espaços de aberturas

diferentes geralmente designam fundos como casas de animais como espaços fechados, a casa antiga dos dâw como semifechado e, por fim, clareiras como roças, campos e buracos na floresta como espaços mais abertos. Os três locais são centrais durante caminhadas por, por exemplo, constituírem pontos de referência ao longo dos caminhos para localizar habitações de animais, sinalizando possíveis perigos para os caminhantes.

Além dos fundos codificados nos verbos do movimento, a noção de trajetória também é responsável pelas distinções semânticas desses verbos. Podemos ver no Quadro 1 que há eixos verticais (para cima vs. para baixo), horizontais (rio acima vs. rio abaixo) e de cruzamento de fronteira (para dentro vs. para fora) que se opõem. Apesar desses eixos serem indispensáveis para estratégias de indicar direção e orientação enquanto em movimento, eles também podem refletir noções das práticas de subsistência. Para dar um exemplo, trajetórias verticais indicando um movimento de subida, como no verbo *saak* 'subir (uma montanha, árvore etc.)', relacionam-se frequentemente à prática de coleta de frutas nas copas das árvores. Também são frequentes em narrativas míticas que fazem referência ao alto ou à copa da árvore como lugar de habitação de outros seres, local de proteção ou antigo local de casas dos Dâw. Nessas narrativas, os protagonistas realizam movimento saindo do alto (*saak*) ou descendo do alto (*xu*). Esses movimentos são indicados através desses verbos de movimento. Já trajetórias horizontais como atravessar fronteiras ou seguir rastros de diferentes agentes são frequentemente conectadas ao mundo da caça.

Além do fundo e da trajetória, verbos de movimento usados durante as caminhadas revelaram outros traços semânticos como, por exemplo, maneira, motivo de movimento ou as circunstâncias do movimento como mostrado na Figura 3.

Verbo	Movimento	Maneira
<i>xet</i>	mover	rápido atrás de caça
<i>kũ</i>		devagar para não espantar a caça
<i>soot</i>		na ponta dos pés
<i>rãm ka'</i>		como último
<i>toow</i>		carregar na mão
<i>tooj</i>		carregar no braço (criança)
<i>sẽ</i>		carregar caranã nas costas
Verbo	Movimento	Motivo
<i>war</i>	mover	para chegar antes do outro
<i>çeeb</i>	mover	para mudar de casa
Verbo	Movimento	Circunstâncias
<i>sõy</i>	mover	debaixo da chuva

Figura 3: Verbos de movimento que codificam movimento + maneira/motivo/circunstância.
Fonte: elaboração própria.

A maioria dos verbos de movimento, codificando a noção de maneira, geralmente faz referência a certas formas de andar. Esses podem ser diferenciados, por exemplo, com base na velocidade, como visível na oposição entre *xet* ‘ir rápido atrás de caça’ e *kũ* ‘ir devagar para não espantar caça’. Alguns verbos também se distinguem por posturas do corpo relacionada à atividades de caça, coleta e manejo como, por exemplo, *toow* ‘andar carregando algo na mão’, *tooj* ‘andar carregando algo no braço’ ou *sẽ* ‘andar carregando caranã nas costas’. Existem também verbos que codificam a noção do motivo pelo qual se anda, como *war* ‘andar para chegar antes do outro’, ou das circunstâncias, como *sõy* ‘andar debaixo da chuva’. Retomando o que mencionamos acima, podemos observar aqui que a codificação dessas várias informações de um evento de movimento em uma única raiz verbal indica que essas ações expressas por estes verbos parecem ser culturalmente importantes e salientes no contexto da mobilidade dâw. Exemplificamos isso em um trecho curto de uma narrativa na qual a Dona Maria compara a vida em movimento no passado com a vida de hoje:

<i>yẽem ta'</i>	<i>nĩ</i>	<i>xõo</i>	<i>waa</i>	<i>dâr</i>
mundo em.frente	estar	perambular	antepassado	PL.COLET
<i>dâw tee</i>	<i>lom</i>	<i>rãm</i>	<i>xõo-ẽr</i>	<i>tên</i>
dâw	criança	?	ir	perambular-NEG
				agora

‘Em todos os lugares os velhos andavam e os dâw mais jovem não andam mais agora.’

<i>rid</i>	<i>nĩ</i>	<i>yêt</i>	<i>nã'</i>	<i>'mug</i>	<i>dârũd</i>
3PL	estar	deitar	DEM:PROX	aqui	PL.COLET-REST

‘Eles só querem estar aqui.’

<i>waa</i>	<i>dâr</i>	<i>rõot</i>	<i>çeeb</i>	<i>xõo</i>
antepassado	PL.COLET	longe	mudar.lugar	perambular

‘Os velhos andavam longe mudando de lugar para lugar.’

<i>waa</i>	<i>dâr</i>	<i>nĩ-ẽr</i>	<i>mug</i>
antepassado	PL.COLET	estar-NEG	aqui

‘Os velhos não viviam aqui.’

*têen nũk dâw **çeeb** dâw tee waa dâr tee*
 agora nunca dâw mudar.lugar dâw criança antepassado PL.COLET crianças
 ‘Agora os dâw nunca viajam os filhos dos velhos.’

waat māk çii rãm pɰn’ waa dâr nɰkêd
 idiom:muito.longe ir IPFV antepassado PL.COLET antigamente
weed rid weed xôo’ rũu
 comer 3PL comer perambular caça

‘Bem longe os velhos iam antigamente e comiam as caças andando.’

rõot bey yâa pɰn’ id-i’ rõot xôod rid rũ’-ũ’ tatu
 longe REPI voltar IPFV 1PL-FOC longe upriver LOC QTRUNI-FOC tatu
 ‘Bem longe nós voltamos antigamente, nós todos, lá pra cima lá no (igarapé) tatu.’

Podemos observar o uso frequente dos verbos *xôo* ‘perambular/ andar sem rumo’ e *çeeb* ‘andar para chegar em uma outra moradia’, usados para descrever a mobilidade constante dos velhos no passado. Enquanto *xôo* faz referência ao movimento e sua maneira/ trajetória, i.e, andar sem rumo específico, *çeeb* codifica a noção, o motivo do movimento que é o de andar com o objetivo de chegar em um local de moradia. É evidente que esses são conceitos centrais na cultura dâw sendo, assim, expressos em uma única raiz verbal.

Finalmente, não queremos sugerir que a manifestação linguística da mobilidade dâw pode ser generalizada e nem que povos caçadores-coletores mostrem certos tipos de codificações linguísticas do movimento. Também não queremos postular que modos de subsistência e suas manifestações de mobilidade são a força motriz para esse inventário de verbos de movimento. Porém, o caso dâw apresenta um exemplo de como a conceitualização da mobilidade através da paisagem e nos modos de subsistência podem se manifestar entre grupos com padrão de alta mobilidade. Mais comparações trans-linguísticas e trans-culturais são necessárias para poder estabelecer conexões entres padrões tipológicos, espaço e entre as interações de grupos caçadores-coletores e seus espaços habitados.

Interação social na gramática hup

Como descobrir a morfologia da gramática da interação social

Podemos observar nos modos de expressar mobilidade na gramática dâw em que medida a ênfase boasiana no método de observação participante é capaz de iluminar recursos gramaticais de uma língua e como esses estão sendo usados. Na verdade, em alguns casos, certos domínios do inventário morfológico podem passar despercebidos em abordagens da descrição linguística que focam apenas a elicitación de dados, mesmo quando essa morfologia surge claramente no discurso do dia a dia. Nessa seção, exploramos essa possibilidade com base em um conjunto de marcadores gramaticais em Hup que codificam aspectos da interação social.

Enquanto esses marcadores da interação social formam uma classe funcionalmente e formalmente heterogênea na língua Hup, todos funcionam para indicar o *status* pragmático de um participante em foco numa dada atividade – normalmente o ator ou agente de um evento – vis-à-vis outros possíveis ou atuais participantes. No contexto discursivo típico, esses marcadores contextualizam o papel de um ator ou de atores envolvidos na atividade em termos de dinâmicas sociais. Como descrito em Epps (2008), alguns desses elementos também têm uma distribuição mais ampla de funções, enquanto outros parecem ser restritos a indicar a conexão social. Nessa seção, enfocamos um subconjunto desses elementos que é especialmente predominante na conversa – o contexto discursivo no qual a interação social é mais provável de ser pragmaticamente relevante – mas que praticamente nunca aparece espontaneamente em contextos de elicitación e que são até raros na fala monológica. Certamente, uma vez descobertos esses elementos, a elicitación pode ser útil para examinar seus significados e contextos de uso, porém a probabilidade de que possamos descobri-los apenas através de elicitación é muito baixa.

Sendo assim, a integração de métodos distintos é crucial para que se possa entender o funcionamento e o uso de uma língua no seu contexto cultural da forma mais ampla possível. Imaginando esses métodos como uma escala, como mostrado na Figura 4, podemos distribuir a elicitación e a participação ativa na conversa nos pontos extremos dessa escala. Entre esses pontos extremos podemos localizar os seguintes métodos:

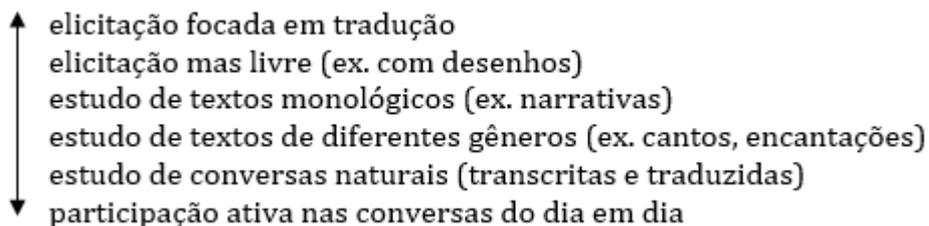


Figura 4: Escala da métodos na investigação da gramática.

Fonte: elaboração própria.

Note-se que essa escala não implica necessariamente uma hierarquia ou uma ordem cronológica de como esses métodos deveriam ser usados. Devem-se combinar esses métodos da forma que parecer útil para o pesquisador. Nesse processo, é importante lembrar que cada fonte de informação que surge através dos diferentes métodos aqui mencionados ilumina diferentes aspectos da língua. Isto é, o trabalho com elicitación e textos monológicos vai revelar certas estruturas enquanto o trabalho com conversas pode revelar até categorias gramaticais inexistentes em textos monológicos. Há uma ressalva que tem que ser mencionada a respeito da cronologia desses métodos: devido à natureza do processo lento de aprender uma língua e por fatores relacionados ao desenvolvimento da relação do pesquisador com a comunidade, é comum que o engajamento com as conversas naturais ou a participação ativa no discurso sejam passos que geralmente surgem apenas depois de um certo tempo, necessitando um certo envolvimento com a língua. A agenda de Boas prevê esse engajamento tanto com a língua quanto com a comunidade para conseguir enfrentar a gama mais completa da língua e entender melhor como se articula com a cultura, ou como diz o próprio Boas:

A general review of our ethnographic literature shows clearly how much better is the information obtained by observers who have command of the language, and who are on terms of intimate friendship with the natives, than that obtained through the medium of interpreters (Boas 1911: 61).

Uma revisão geral de nossa literatura etnográfica mostra claramente quão melhor é a informação obtida por pesquisadores que têm domínio da língua e que têm laços de amizade íntima com os nativos do que aquela conseguida por meio de intérpretes (Tradução Ramos & Ramos, neste volume).

Morfologia da interação social na língua Hup

Começamos com a partícula *bá'*, aqui descrita como 'protestivo' (ver Epps 2008: 704).⁶ Este morfema é morfologicamente uma partícula de discurso – um elemento morfologicamente livre – que indica que o falante concorda ou aceita a iniciativa do interlocutor, mas sem vontade. Além de ser muito improvável de surgir na elicitación, esta partícula é até muito rara nas narrativas, surgindo só nos diálogos entre interlocutores em algumas histórias. Porém, é muito comum em pelo menos dois contextos.

O primeiro desses é na conversa cotidiana quando um falante reage a um enunciado ou a uma atitude de uma outra pessoa. De fato, a primeira vez que Epps encontrou essa partícula e quando ela começou a entender sua função foi quando ela perguntou a uma vizinha mais velinha em Barreira Alta se poderia acompanhá-la à sua roça, esperando passar o dia inteiro com ela. Sra. Luisa, preocupada que Epps teria dificuldades em seguir os caminhos enlameados da floresta, concordou relutantemente com a sentença repetida em (1). (Afinal, elas tiveram um dia bonito juntas e Epps prefere pensar que ela até ajudou a coletar e a carregar a mandioca para casa).

- (1) *hám-áy, bá'*
 ir-INC.IMP PROTST
 'Vamos então' (mas não quero que você vá junto).

O exemplo (2) foi falado em uma conversa em que Epps também fora envolvida e por isso estava apta a avaliar o contexto pragmático. Nesse caso, um grupo reuniu-se de noite em um espaço comunitário, divertindo-se e descansando ao final do dia. Ao entardecer, um dos participantes saiu relutantemente com o enunciado seguinte (2):

- (2) *in óh-ay-áh bá'*
 1PL dormir-INC-DECL PROTST
 'Vamos dormir' (mas gostaria de ficar conversando).

A partícula *bá'* ocorre também frequentemente em contextos discursivos bastante distintos, porém são contextos altamente interativos ou emotivos. Portanto, essa partícula também está praticamente ausente na fala elicitada ou em narrativas monológicas.

Tratamos aqui especialmente o gênero dos cantos das mulheres que são tipicamente cantados em interações diádicas durante festas que contam com grandes quantidades de

6 Os dados em Hup são transcritos na ortografia prática seguindo as convenções das comunidades; a única exceção é o agrupamento dos morfemas, que aqui são associados morfologicamente e fonologicamente em palavras.

bebidas fermentadas (caxiri) de mandioca (encontrado em muitos grupos indígenas na região do Vaupés; ver Chernela 2003). Nesse gênero, as mulheres expressam sentimentos como tristeza, saudades e frustração que geralmente não são bem-vindos em outros contextos sociais. O uso do morfema *bá'* ocorre de maneira repetitiva funcionando como um preenchimento métrico como mostrado no exemplo (3), sendo assim um recurso crucial para estruturar esse gênero emotivo.

- (3) *nì* *ín-d'äh* *hũy'ah,* *núp* *s'áh-ah-at*
 1SG.POSS mãe-PL depois esse terra-[repetição]-OBL

ni-noh-k'ët-ëy-hõ *páh* *ãh* *hin-ĩh* ***bá'-bá'***

ser-cair-em.pé-DINM-Não.VISPRX.CNTR 1SG também-DECL PROTST-[repetição]

'Depois das minhas mães e tias, penso como eu também acabei morando nesta terra (mesmo que quisesse outra vida).'

Um outro item gramatical importante para expressar a noção da interação social é o sufixo verbal *-nìg* que aqui chamamos de marcador 'cooperativo' (ver Epps 2008: 627). Parecido com *bá'*, esse sufixo é muito frequente nas conversas, porém bastante raro nos textos monológicos (restrito a fala citada em narrativas monológicas) e é ainda mais improvável que apareça de maneira espontânea em contextos elicitados. Como os exemplos (4)-(5) mostram, *-nìg* é mais frequentemente encontrado com sujeitos de primeira pessoa do plural e indica que os participantes estão fazendo uma atividade juntos ou em *cooperação*. Isso se verifica com a ausência desse morfema quando os participantes estão simplesmente fazendo a atividade no mesmo lugar e ao mesmo tempo, isto é, quando os participantes não colaboram nessa atividade. Os exemplos a seguir vêm de conversas ou de diálogos citados em narrativas.

- (4) *hám-ãy,* *in* *këy-nìg !*
 ir-INC.IMP 1PL ver-COOP
 'Bora, vamos ver junto!'

- (5) *b'öy* *in* *käk-'ay-nìg*
 traíra 1PL tirar-VENT-COOP
 'Vamos pescar traíra junto.'

De vez em quando, é possível encontrar o sufixo *-nìg* com sujeitos de primeira pessoa singular. Porém, nesses casos ele ainda implica uma ação cooperativa entre participantes (exemplo 6).

- (6) *ném ám-àn ãh këy-nìg*
 piolho 2SG-OBJ 1SG ver-COOP
 ‘Vou catar piolhos para você.’ (solicitando a cooperação)

Raramente, o sufixo *-nìg* co-ocorre com sujeitos de terceira pessoa onde ele indica que alguma entidade vai se dedicar a realizar um evento como em (7). Nessa função, esse é o único exemplo do seu uso em contextos monológicos comparado aos contextos dialógicos. Se a elicitación ou narrativas monológicas fossem a fonte principal de dados enquanto interagimos com a língua, o sufixo *-nìg* não só seria muito raro e passaria também facilmente despercebido, mas também correríamos o risco de não descobrir suas funções mais importantes no discurso.

- (7) *tìh yõh d’õ-õp yěh mah tìh ham-yěh mah,*
 3SG medicine get-DEP FRUST REP 3SG go-FRUST REP
 ‘Ele foi pegar remédio (à toa);

tã’ãy-n’àn tìh yõh-ni-nìg
 woman-PL.OBJ 3SG remedio-be-COOP
 com qual ele (pretendeu) medicar as mulheres.’

Finalmente, observaremos dois outros sufixos verbais que aparecem raramente na coleção de textos de discurso natural coletados por Epps e ocorrem exclusivamente nas conversas ou na fala citada: *d’ành* e *kě’* (Epps 2008: 709). Esses sufixos indicam que o falante pretende realizar uma ação sozinho e com sua motivação própria particularmente quando outras pessoas poderiam ser envolvidas na ação. Os sufixos implicam um sujeito de primeira pessoa do singular e referência ao futuro. Além disso, eles parecem ser utilizados sem diferenciação, ou seja, até então não está claro o que determina a escolha de um sufixo sobre o outro. Porém, *d’ành* parece implicar um evento de duração mais curta.

O uso dos dois sufixos está exemplificado em (8)-(9). A sentença (8) foi produzida por uma pessoa que estava deixando um grupo de pessoas. Já em (9), Epps estava em uma conversa com uma mulher idosa que citou ela mesma.

- (8) *nɪ* *hõp* *sèg* *këy-'ay-'ë'-d'áh*
 1SG.POSS peixe malhadeira ver-VENT-PERF-SOZ1
 'Vou lá checar a minha malhadeira (sozinho).'

- (9) *sã-wag,* *ãh* *ní-îť* *kèm,* *n'ikán* *b'òť-an*
 outro-dia 1SG ser-OBL IMP2 para.lá roça-DIR
- ham-'ë'-kě,* *nó-õp* *àp*
 ir-PERF-SOZ2 dizer-DEP NEG:ID
 'Olhe como eu fico todo dia em casa, nunca dizendo "Tô indo (sozinha) para a roça"'

Como investigamos aqui, os morfemas *bá'*, *-nig*, e *-d'áh / -kě'* fazem parte de um conjunto gramatical na língua Hup que codifica a interação social. O fato de que a língua Hup usa esses recursos gramaticais para, por um lado, marcar ações colaborativas e cooperativas e, por outro lado, marcar ações independentes ou não colaborativas, salienta as prioridades sociais e culturais dos falantes em relação ao papel do indivíduo dentro do contexto do grupo. De modo similar ao que mostramos para os verbos de movimento em Dâw, o conjunto desses morfemas em Hup mostra mais uma vez como processos de gramaticalização podem refletir o discurso uma vez que o uso frequente e a saliência pragmática podem promover a gramaticalização de itens lexicais (Hopper & Traugott 2003). A importância social das ações colaborativas na cultura hup e a notabilidade das suas ausências realçam a importância discursiva desses recursos expressivos e, da mesma maneira, sua relevância gramatical.

Entender essa gramática de interação social é ter um entendimento mais completo do sistema gramatical da língua, e como articulam as prioridades sociais e culturais. Porém, sem estudar conversas e até participar no discurso do dia a dia, é provável que um linguista não repare que esses morfemas gramaticais existem. Como a nossa investigação desses elementos em Hup implica uma perspectiva focada no método de observação participante que vai além da elicitación e de textos monológicos, há a possibilidade de gerar um entendimento muito mais rico e amplo da língua e de como esta língua está sendo usada.

Conclusão

O reflorescimento do programa de Boas nas áreas da linguística hoje em dia nos oferece a possibilidade de aprender com suas perspectivas e também de elaborá-las.

Retomando os pontos principais que são o texto, o papel do pesquisador e uma pesquisa ancorada em um contexto cultural mais amplo diante de nossa própria experiência, como relatada aqui, podemos pensar alguns benefícios tanto para a descrição e documentação linguística, quanto para as comunidades envolvidas.

Como os dados de Dâw e Hup podem mostrar, o trabalho com textos que emergem de uma forma mais natural e em seus próprios contextos de uso nos ajudam a pensar *porque* uma certa estrutura existe nessa língua, *como* falantes fazem uso dessa estrutura na sua vida diária e *como* essa se relaciona aos quadros culturais, sociais e ideológicos. Sabemos, por exemplo, pelos relatos etnográficos e pelas nossas próprias observações, o papel específico do indivíduo dentro dos grupos hup. Mas ao descobrir isso dentro de um sistema gramatical que codifica algumas formas da interação social, revelam-se para nós algumas prioridades sociais e culturais do povo Hupd'äh. De modo similar, as caminhadas e percursos escolhidas e as narrativas contadas pelos Dâw ao longo das caminhadas podem revelar uma parte do inventário de verbos de movimento que permaneceu invisível para nós durante seções de elicitación na comunidade. Foi através desses registros que conseguimos situar esses verbos nos seus locais de uso, o que permite uma visão de como esses detalhes linguísticos são embasados no contexto cultural da mobilidade dâw e vice-versa. Reconhecer essas sutilezas significa promover o conhecimento dos falantes usando a língua para poder expressar tais sutilezas (Epps, Webster & Woodbury no prelo). Ou seja, o reengajamento com esses princípios de Boas dentro da documentação e descrição linguística permite acessar uma língua de forma holística, abrindo janelas para entender as várias camadas da experiência humana.

Pensando os benefícios pelo lado do próprio pesquisador, podemos sem dúvida ressaltar o ganho de uma perspectiva holística dos sistemas linguísticos, sociais e culturais de um certo povo como descrito no parágrafo anterior. Por outro lado, e aqui relatando nossa própria experiência, ao se comprometer a falar a língua, participar na vida cotidiana da comunidade (caso isso seja permitido pelos membros da comunidade) e estar disposto a deixar os membros da comunidade moldarem seus próprios registros, pode-se criar uma relação e uma parceria mais íntima a longo prazo. Isso disponibiliza relações de confiança que se aprofundam ao longo do tempo, levando a chegar mais perto de entender as necessidades das comunidades.

Sendo então uma abordagem reveladora para os linguistas e antropólogos, por outro lado, há um potencial a ser aproveitado pelas comunidades que estão envolvidas nos projetos de documentação. Mencionamos no início desse trabalho que o reengajamento com a agenda de Boas chegou em um momento de estado crítico para as

línguas indígenas. Enquanto a maioria delas está sendo ameaçada de extinção, a agenda de Boas é frequentemente iniciada pela perda de gêneros textuais específicos. Coletar textos que emergem pela vontade dos falantes ou, no melhor dos casos, coletados por eles mesmos, favorece uma possível salvaguarda desses mesmos gêneros. Além disso, em cenários de mudanças drásticas nos sistemas linguísticos, culturais e sociais, a documentação de certos gêneros textuais pode funcionar como uma forma de apreciação das suas riquezas e complexidades. Acreditamos que colaborações entre comunidades, linguistas e antropólogos podem fortalecer o engajamento das comunidades com suas formas discursivas em tempos de mudanças e transmissões interrompidas. No entanto, consideramos a documentação holística das línguas e culturas ameaçadas uma necessidade urgente tendo o poder de respeitar as vozes que existem ao nosso redor.

Abreviações

COOP Cooperativo; DECL Declarativo; DINM Dinâmico; DIR Direcional; FRUST Frustrativo; INC Incoativo; IMP Imperativo; IRR Irrealis; NÃO.VIS Não Visual; NEG:ID Negativo de identidade; PERF Perfectivo; PL Plural; POSS Possessivo; PROTST Protestivo; PRX.CNTR Contraste proximativo; OBJ Objeto; OBL Oblico; REP Reportativo; SG Singular; SOZ Atar sozinho; VENT Venitivo.

Referências

- BOAS, Franz. 1911. *Handbook of American Indian Languages*. Washington: Government Print Office.
- BURENHULT, Niclas; PURVES, Ross. 2020. "The spatial properties of forager motion categories: evidence from Jahai". *Hunter Gatherer Research*, 4(3): 411-426.
- CHERNELA, Janet. 2003. "Language Ideology and Women's Speech: Talking Community in the Northwest Amazon". *American Anthropologist*, 105(4): 794-806.
- DOBRIN, Lise M. 2008. "From linguistic elicitation to eliciting the linguist: Lessons in community empowerment from Melanesia". *Language*, 84: 300-324.
- EPPS, Patience. 2001+. *Hup Collection*. Archive of the Indigenous Languages of Latin America. Disponível em <http://ailla.utexas.org>.
- EPPS, Patience. 2008. *A Grammar of Hup*. Berlin: Mouton de Gruyter (Mouton Grammar Library 43).
- EPPS, Patience. 2009. "Language classification, language contact, and Amazonian prehistory". *Language and Linguistics Compass*, 3(2): 581-606.
- EPPS, Patience; BOLAÑOS, Katherine. 2017. "Reconsidering the 'Makú' family of northwest Amazonia". *International Journal of American Linguistics*, 83(3): 467-507.

EPPS, Patience; OBERT, Karolin. No prelo. "Linguistic clues to hunter-gatherer histories: the Naduhup peoples of northwest Amazonia". Manuscrito não publicado (submetido).

EPPS, Patience; OBERT, Karolin; STORTO, Luciana. 2013+. *Documentation of Dâw, a Nadahup language of Brazil*. Endangered Languages Archive and Archive of the Indigenous Languages of Latin America. Disponível em <http://elar.soas.ac.uk/deposit/0362> e <http://ailla.utexas.org>.

EPPS, Patience; WEBSTER, Anthony K.; WOODBURY, Anthony C. 2017. "A humanities of speaking: Franz Boas and the continuing centrality of texts". *International Journal of American Linguistics*, 83(1): 41-78.

EPPS, Patience; WEBSTER, Anthony K.; WOODBURY, Anthony C. *Documenting speech play and verbal art: a tutorial*. Manuscrito não publicado (no prelo).

EVANS, Nicholas. 2003. "Context, culture, and structuration in the languages of Australia". *Annual Review of Anthropology*, 32: 13-40.

EVANS, Nicholas; LEVINSON, Stephen C. 2009. "The myth of language universals: Language diversity and its importance for cognitive science". *Behavioral and Brain Sciences*, 32 (5): 429-448.

FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro). 2019. *Plano de Gestão Territorial e Ambiental: Terra Indígena Alto Rio Negro*. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN.

HIMMELMANN, Nikolaus. 1998. "Documentary linguistics and descriptive linguistics". *Linguistics*, 36: 161-195.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 1906. "Die Indianer-Stämme am oberen Rio Negro und Yapurá und ihre sprachliche Zugehörigkeit". *Zeitschrift für Ethnologie*, 38: 167-205.

MARTINS, Silvana A. 2004. *Fonologia e gramática Dâw*. Tese de doutorado. Vrije Universiteit, Amsterdam. Amsterdam: LOT.

MONTEIRO, Lirian R.; MCCALLUM, Cecília Anne. 2013. "A noção de 'bem viver' hupd'äh em seu território". *Mundo Amazônico*, 4: 31-56.

MITHUN, Marianne. 2001. "Who shapes the record: The speaker and the linguist". In: P. Newman; M. Ratliff (orgs.), *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 34-54

NATTERER, Johann. 1831. *Sprachproben*. [Manuscript in University of Basel Library, Basel, Switzerland]. Disponível em https://basel.swisscovery.org/permalink/41SLSP_UBS/mmbsj/alma9972412425205504.

NIMUENDAJÚ, Curt. 1950 [1955]. "Reconhecimento dos rios Icação, Ayarí, e Uaupés, março a julho de 1927: apontamentos linguísticos". *Journal de la Société des Américanistes*, 44(1): 149-178.

OBERT, Karolin. 2019. *The linguistic encoding of space in Dâw*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O'MEARA, Carolyn; BURENHULT, Niclas; ROTHSTEIN, Mikael; SERCOMBE, Peter. 2020. "Representing space and place: hunter-gatherer perspectives". *Hunter Gatherer Research*, 4(3): 287-309.

RAMIREZ, Henri. 2006. *A Língua dos Hupd'äh do alto Rio Negro: Dicionário e guia de conversação*. São Paulo: Associação Saúde Sem Limites.

SILVA, Cácio; SILVA, Elisângela. 2012. *A língua dos Yuhupdeh: Introdução etnolinguística, dicionário yuhup-português e glossário semântico-gramatical*. São Gabriel da Cachoeira: Pro-Amazônia.

SLOBIN, Dan I. 2004. "The many ways to search for a frog: Linguistic typology and the expression of motion events". In: L. Verhoeven; S. Stromqvist (orgs.), *Relating events in narrative: Vol. 2. Typological and contextual perspectives*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates. pp. 219-257.

TALMY, Leonard. 1985. "Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms". In: T. Shopen (org.), *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 36-149

TALMY, Leonard. 2000. *Toward a cognitive semantics. Vol 2*. Cambridge: MIT Press.

WOODBURY, Anthony C. 2011. "Language documentation". In: P. Austin; J. Sallabank (orgs.), *Handbook of Endangered Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 159-186.

Recebido em 18 de abril de 2022.

Aceito em 04 de agosto de 2022.

Tesouros linguísticos nas histórias e conversas: As contribuições de Boas na documentação e descrição de línguas e culturas

Resumo

O legado de Boas tem sido retomado na área de documentação e descrição das línguas indígenas. Um dos seus pontos centrais é deixar a língua contar a sua própria história, ou seja, permitir aos falantes falarem por si mesmos, criando um registro de fala espontânea em situações de comunicação naturais. Isso, segundo Boas, facilitaria a descoberta de estruturas e categorias gramaticais, lexicais e culturais que permaneceriam obscuras para o pesquisador caso não permita o surgimento de pontos de vistas indígenas. Tomando essa perspectiva como fio condutor para o trabalho de campo, apresentamos aqui dois estudos de casos com os povos Dâw e Hupd'äh (Naduhup), mostrando como a escolha de registros pelos próprios indígenas e o método de observação participativa apresentaram-nos categorias gramáticas e lexicais, como por exemplo um inventário de verbos de movimento estruturado na base de traços topográficos e afixos, indicando tipos de interações sociais muito inesperadas.

Palavras-chave: Boas; Documentação Linguística; Línguas Amazônicas; Mobilidade; Interação Social.

Linguistic treasures in stories and conversations: Boasian contributions to the documentation and description of language and culture

Abstract

Boas' legacy is experiencing a rebirth in the field of language documentation and description. One of his central priorities was to let a language tell its own story, i.e., by allowing speakers to speak for themselves by creating a record of spontaneous discourse in natural communicative settings. This approach, according to Boas, facilitates the discovery of grammatical, lexical, and cultural categories which would remain obscured if the researcher did not allow for the emergence of Indigenous perspectives. Taking this view as a guide for our own fieldwork, we present two case studies involving the Dâw and Hup peoples of NW Amazonia (speakers of two Naduhup languages). We lay out how the choices of records made by the Indigenous collaborators, and their documentation via our own participant-observation approach, has presented us with particular insights into grammatical and lexical categories that might otherwise have gone unexplored, such as a motion verb inventory structured by topographic characteristics and verbal morphology indicating social connectedness.

Keywords: Boas; Language Documentation; Amazonian Languages; Mobility; Social Interaction.